

Novo paradigma para a saúde psíquica: Winnicott e a positivação do borderline

Nahman Armony

De imediato farei uma citação de Winnicott que acabou por se transformar em meu bordão: *“Os psicanalistas experientes concordariam em que há uma gradação da normalidade não somente no sentido da neurose mas também da psicose (...) Pode ser verdade que há um elo mais íntimo entre normalidade e psicose do que entre normalidade e neurose; isto é, em certos aspectos. Por exemplo, o artista tem a habilidade e a coragem de estar em contato com os processos primitivos aos quais o neurótico não tolera chegar, e que as pessoas sadias podem deixar passar para o seu próprio empobrecimento”*¹.

Eu me permito, considerando esta citação e também outros escritos de Winnicott, propor dois tipos de normalidade e portanto dois tipos de saúde: uma normalidade/saúde neurótica e uma normalidade/saúde borderline.

Meu próximo passo será estudar a gradação que vai do transtorno neurótico (para usar a terminologia do DSM-IV) ao neurótico próximo da normalidade. Em seguida estudarei a gradação transtorno borderline a borderline próximo do normal.

SAÚDE PSÍQUICA E NEUROSE

Imperava no período moderno/vitoriano a repressão e o recalque. Freud retratou as conseqüências da repressão/recalque através das figuras do “mal-estar da civilização”, do Édipo e do superego. O recalque dos afetos produz uma tensão interna que se traduz em mal-estar. A castração edípica produz uma identificação do menino com o superego do pai e um recalque dos afetos sexuais pela mãe.

Numa perspectiva histórico/sociológica o campo abarcado pela expressão “castração edípica” se amplia até a repressão/recalque do feminino no homem. O menino, fusionado e identificado com a mãe em seus primeiros anos, era forçado a, posteriormente, abrir mão de seus aspectos femininos, (empatia, identificação, “concern”, compaixão, mutualidade, identificações cruzadas). Esses aspectos, benevolmente aceitos como fraquezas femininas, e chamadas pejorativamente de sentimentalóides, eram depreciados e até desdenhados, ficando confinados ao gueto do lar do qual o menino deveria se desvencilhar.

Ao homem cabia ser macho, patriarca, chefe de família, esteio da sociedade. Isso o obrigava a recalcar seus aspectos femininos para poder ser duro, forte, implacável na luta pela ascensão social e econômica e impiedoso na defesa do maior bem-estar possível de sua família. “Homem não chora” era o lema que sintetizava o recalque de suas sensibilidades. Homem não brinca com bonecas, “não brinca em serviço”, não permite que sua subjetividade perturbe o raciocínio objetivo e tem uma única e objetiva meta a alcançar e a persegue com afinco. Homem tem um superego forte e punitivo e um ideal de ego com valores fixos, pouco influenciáveis pelos semelhantes, enquanto a mulher mais frágil, já

¹ Winnicott, D.W.W., 1982, p.21.

castrada por natureza, teria um superego frouxo sendo portanto mais infantil e menos confiável. Como veremos, estes valores, na pós-modernidade, ocuparão no homem o espaço antes pertencente ao superego imutável. O homem virá a ter valores e processos femininos.

Outros valores da modernidade que também têm a ver com o processo de repressão/recalque são a disciplina, a ordem, o respeito, a organização, o controle, a objetificação, a reverência hierárquica, a distância afetiva, o convencionalismo; encontramos também as várias dicotomias inclusive a dicotomia sujeito/objeto. Podemos ainda listar a proibição, o pundonor, a honra, o brio.

No que diz respeito à sua trajetória de vida ela é retilínea e acumulativa.

O neurótico está aprisionado por convenções, regras e leis ficando com a sua espontaneidade e criatividade coarctadas. A barreira do recalque dificulta a percepção de seu inconsciente, do inconsciente do outro e da subjetividade circulante.

A comunicação do neurótico é mais superficial que a do borderline pois está barrada pelo convencionalismo das palavras e dos valores especialmente os da hierarquia que impedem o diálogo verdadeiro.

A vida do neurótico está normatizada e segue os trilhos consagrados pela tradição e pelos preconceitos. A saúde psíquica do neurótico “normal” está resguardada pelo recalque das grandes inquietações existenciais mas tende a ser tensa e descolorida, pontilhada de irrelevantes sintomas e pequenas obsessões.

Temos aí a normalidade neurótica conseguida a custa do recalque de afetos e desejos. Como, na verdade, a vida sempre foi e será um devir, os aspectos recalcados ou apareciam na forma de sintomas mais suaves ou mais graves, incapacitantes ou não, ou sob forma de dupla moral. Usando de um reducionismo drástico, com finalidade puramente didática, poderíamos dizer que enquanto o homem vitoriano tinha na dupla moral sua mais eficiente válvula de escape, a mulher tinha de se conformar com sintomas histéricos.

SAÚDE PSÍQUICA E BORDERLINE

Ao contrário do neurótico que constituiu um forte superego e um consistente ideal de ego, o borderline tem um superego maleável e um ideal de ego múltiplo. Partindo da teoria da insuficiência de identificações como um dos principais fundamentos do borderline eu propus e proponho o seguinte: substituir a expressão “insuficiência de identificação” que tem uma conotação negativa por “valências identificatórias abertas”. A incorporação do interjogo lúdico e amoroso da criança com a mãe mantém as valências identificatórias abertas desde que não obturadas por um pai edípico rigoroso e castrador. Neste caso, como já vimos, haverá uma repressão/recalque do feminino e a modelagem de um macho patriarcal autoritário.

Se estivermos diante de uma mãe que não consiga acompanhar as oscilações do bebê e da criança entre simbiose e individuação/separação, nos depararemos com valências identificatórias abertas de outro coturno.

No primeiro caso --- mãe suficientemente boa --- estas valências buscam preferencialmente o devir do mundo enquanto que no segundo caso --- mãe insuficientemente boa --- as valências buscam, em primeira instância, uma

personificação de mãe que supra as deficiências de origem. Quando ocorrer a combinação “mãe insuficientemente boa” e “pai patriarcal castrador” tenderemos a ter um borderline falso self. (Na combinação “mãe suficientemente boa” e “pai patriarcal castrador” a tendência é no sentido da neurose).

Em não havendo a intervenção súbita e brutal de um pai edípico estaremos diante do homem pós-moderno: o primeiro mais próximo da normalidade e o segundo pendendo para o pólo do transtorno de personalidade.

O tratamento não mais consiste em levantar as repressões indesejáveis redistribuindo-as de maneira mais conveniente através do juízo de realidade atual, mas sim de manter ou ressuscitar a capacidade de empatia e identificação da criança preenchendo na medida do possível os ociosos existenciais, liberando as valências identificatórias para o devir do mundo.

São, portanto, duas diferentes direções de cura: uma referida à saúde/normalidade do neurótico e outra à do borderline.

Mas o que esta teorização tem a ver com Winnicott?

SAÚDE PSÍQUICA, WINNICOTT E BORDERLINE

No capítulo “O lugar em que vivemos” do livro “Brincar e a realidade”, Winnicott nos diz que vivemos a maior parte do tempo no espaço intermediário, aquele que amalgama o subjetivamente concebido com o objetivamente percebido.

O neurótico reprime/recalca o subjetivo para tentar viver em um espaço objetivo.

O borderline, guardião do momento de ilusão e do objeto transicional reúne em um mesmo espaço potencial o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido. O lugar em que vivemos, em que o homem da atualidade vive é esse espaço intermediário. Um exemplo didático: um viúvo de poucas posses casa-se de novo. Ele não tem condições de comprar uma nova cama. Existem 3 diferentes maneiras possíveis de sua nova esposa vivenciar o uso de uma cama já desfrutada pela ex-esposa: 1- ser absolutamente objetiva e não se incomodar em usá-la; nesse caso estará reprimindo seus sentimentos. Estamos no terreno da neurose 2- ser absolutamente subjetiva a ponto de não poder usá-la em circunstância nenhuma. Aqui o terreno é da psicose 3- sentir-se acossada pelas fantasias despertadas pela cama, mas podendo negociar com o marido, sendo-lhe possível até usá-la, acreditando em sua capacidade de lidar com os seus sentimentos e fantasias. É aqui que nos deparamos com o espaço intermediário no qual, brincando e se engalfinhando, mesclam-se o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido. É onde encontramos o borderline próximo da normalidade.

Saúde psíquica para Winnicott não é ordem, disciplina, dever mas sim holding, criatividade, concern. Uma pessoa com valências identificatórias abertas dirigidas para si mesmo, para o outro e para o mundo será capaz de holding, criatividade e concern exercidos em um espaço transicional. Saúde psíquica para Winnicott é viver criativamente encarando os enigmas primordiais do ser humano e do universo. O borderline --- ou homem pós-moderno --- por ser poroso a si mesmo, ao outro e ao mundo está apto a ocupar este lugar.

O borderline é fruto de processos de cisão, do exercício de uma onipotência mitigada e de uma relação parental em que os limites, não são colocados em termos draconianos como costumava ocorrer no período vitoriano. O que se tornou problemático foi o excesso de indulgência que muitas vezes inverte a situação. Se antes eram os pais os donos do poder esta prerrogativa passou a ser dos filhos. Esta inversão é hoje encontrada com bastante freqüência.

Vamos acompanhar melhor o processo histórico e as mudanças paradigmáticas acima aludidas: em um primeiro momento temos uma sociedade repressiva de dupla moral. Surge Freud e com ele a desconstrução das repressões/recalques com liberação dos afetos, fantasias e desejos (é claro que Freud, embora importante, é uma das várias peças de transformação paradigmática, onde operam a física quântica, o capitalismo de consumo e outras figuras sociológicas). Temos então um primeiro momento em que predomina o paradigma da repressão e um segundo momento em que prevalece o paradigma da permissividade.

É quando surge Winnicott com uma obra da qual se pode extrair um terceiro paradigma que seria uma síntese dialética do movimento de tese (repressão) e antítese (permissividade). Este paradigma, como já falei, compõe-se de vários elementos: holding, criatividade, concern, espaço transicional; mas o elemento mais forte deste conjunto parece-me ser o holding que permite o aparecimento das outras características. Este holding significa acolhimento, sustentação e --- aqui temos algo a ser grifado --- limite. Sua diferença do limite edípico está no cuidado com que ele é posto e na sua maleabilidade. Ao invés da criança (e do ser humano) se chocar contra o duro muro edípico machucando e rebentando a cabeça, o limite é uma cortina de veludo macio que pode se deslocar. Como a palavra limite ainda guarda um laivo de autoritarismo talvez fosse melhor substituí-lo por delimitação.

Uma citação tornará mais vivo o pensamento de Winnicott: *“...a criança provoca as reações totais do ambiente, como se buscasse uma moldura cada vez mais ampla, um círculo que teria como seu primeiro exemplo os braços ou o corpo da mãe. É possível perceber aqui uma série – o corpo da mãe, seus braços, o relacionamento dos pais, o lar, a família, incluindo os parentes próximos, a escola, o bairro com a sua delegacia, o país e suas leis”*. (p.411 do artigo “Tendência anti-social).

Pois bem, esta criança que encontra um ambiente suficientemente bom e que não será reprimida por uma função pai drasticamente severa poderá manter suas valências identificatórias abertas para o mundo. Teremos então o que podemos chamar de borderline próximo da normalidade/saúde da pós-modernidade: tenderá então a fazer relações horizontais, aceitará a multiplicidade de seus desejos e de seus quase-eus, valorizará mais o auto-aperfeiçoamento e a auto-realização do que a conquista de posições sociais e sucessos financeiros, dará mais importância ao prazer que ao dever, terá uma trajetória pessoal e profissional não retilínea mas em zigue-zague, viverá polaridades (onipotência/impotência; maldade/bondade e outras), descarregará por completo seus afetos, terá a capacidade de realizar identificações cruzadas (identificação dual-porosa), será múltiplo e imprevisível, sua organização psíquica o pressionará no sentido de expressar as emoções na ação, terá problemas pontuais de relação

com a realidade, estará sujeito a se aproximar de agonias impensáveis, estará menos sujeito à culpa interna que à aflição da desaprovação externa, estará mais ocupado com sua autenticidade/honestidade do que com a preservação da honra e dignidade, terá a tendência a pensar através da ação, estará mais voltado para sentimentos imanentes do que para ideais transcendentais.

Finalmente quero terminar com duas belas e nuançadas falas de Winnicott que poeticamente fazem com que sejamos envolvidos pelos ventos da pós-modernidade: o simples respirar pode ser um ato criativo; “Oh Deus, permita que eu esteja vivo na hora da minha morte”.

set/2007